

Suplemento Cultural

N.º 2

revista paulista de medicina

Contribuição dos psiquiatras portugueses à medicina do espírito

Prof. A. C. Pacheco e Silva

O PADRE FARIA

Merece o Padre Faria não ter o seu nome esquecido, quando se trata de rememorar o labor dos portugueses que se votaram ao estudo da patologia do espírito.

Vida agitada e cheia de peripécias foi a do padre José Custódio de Faria, nascido a 30 de maio de 1756, na aldeia de Bardês, em Gôa.

Cursou o colégio da Propaganda Fide, ordenando-se em 1780. Foi, logo depois de concluir os seus estudos, para Lisboa, onde não tardou a ocupar destacada posição no meio social, chegando mesmo, ao que se diz, a pregar na Corte.

Dez anos permaneceu em Lisboa, até que, desanimado de alcançar a dignidade episcopal, o que atribuía à sua qualidade de indo-português, participou da Conjuração de Gôa de 1787, o que o obrigou a fugir para Paris, onde logo passou a se dedicar à filosofia, fazendo-se professor.

Conta-nos Egas Moniz, no magistral estudo intitulado "O Padre Faria na História do Hipnotismo", fonte de que me servi largamente no estudo da sua personalidade, que "A sua cor bronzeada, a alta estatura, que a magreza mais acentuava, e especialmente as suas opiniões políticas que não guardava, chamaram sobre ele atenção dos vizinhos."

De fato, não parecia ele alheio à acidentada vida política que então agitava a França, pois que se pôs mais tarde à frente dos revolucionários que tomaram parte ativa na queda da Convenção. Essa atitude lhe foi de grande utilidade, pois que lhe valeu não pequena influência junto do Diretório. Conheceu então um discípulo de Mes-

mer, o Marquês de Puységur, e, segundo tudo faz crer, data daí a sua dedicação ao estudo do magnetismo. Se foi levado a tais práticas por simples espírito de curiosidade, ou se o fez no propósito de melhorar as suas condições de exilado, não ficou apurado ao certo.

Para o sucesso da sua atividade nesse campo parecem ter contribuído a sua condição de indiano, a sua cor carregada e a lenda que se formou de ter ele trazido do Oriente conhecimentos profundos de ciências sobrenaturais.

Dessa época até 1811, ano em que se foi para Marselha, a fim de ocupar a cadeira de Filosofia, viveu o Padre Faria em Paris, onde freqüentava a mais alta sociedade, convivendo com os personagens mais ilustres, entre os quais Chateaubriand, que dele se ocupa nas suas "Memórias de Além Túmulo".

Pouco tempo permaneceu o padre português em Marselha, pois logo no ano seguinte foi transferido como professor suplente para Nimes, sem nunca deixar, entretanto, de se consagrar ao magnetismo.

Em 1813 trasladou-se novamente para Paris, onde, numa pequena sala da rua Clichy, passou a realizar conferências, cobrando cinco francos por entrada. Aos poucos foi o Padre Faria grangeando notoriedade; o seu nome ficou logo popular e as suas conferências tornaram-se cada vez mais concorridas.

Dele se ocupa a imprensa, ora para elogiá-lo, na maioria das vezes para denegri-lo, apontando-o como charlatão e embusteiro.

Mas o Padre não se deixa abater pela campanha difamatória que contra ele é movida. Convicto da realidade das suas observações, prossegue sem desânimo nos seus estudos.

O sonambulismo (sono lúcido de Faria), individualizado por Puységur, que o atribuía à influência dos fluidos, é diversamente interpretado por Faria, que foi o primeiro a fundamentar a doutrina da sugestão.

Pondo de parte teorias baseadas no maravilhoso e no sobrenatural, encara o problema da hipnose com perfeita visão, demarcando-lhe os limites e afirmando categoricamente: "Nada se desenvolve no sono lúcido que saia fora da esfera natural". Assim, estabelece um paralelo entre o sono lúcido e o sono normal.

Poucos são, entretanto, os que fizeram justiça à obra que ele nos legou.

Pitres, nas suas lições clínicas sobre histeria e hipnotismo, reconhece ter sido o Abade Faria o primeiro a realizar experiências precisas sobre as sugestões hipnóticas.

Gilles de La Tourette, no seu livro "L'Hypnotisme et les états analogues", depois de historiar os trabalhos de Mesmer e de Puységur sobre o magnetismo animal, comenta: "O electromagnetismo, como lhe chamava o Marquês de Puységur, reinava soberanamente. Esta teoria tinha, entretanto, alguns adversários nos espiritualistas, que não viam nos efeitos obtidos senão a ação pura da alma, seja direta, seja intermediária. Um clarão formidável iria derrear-se no céu puro, no momento preciso em que o magnetismo, abandonado durante a Revolução e o Império, voltava à tona com os Bourbons.

Foi o Abade Faria, padre português, brâmane, como ele mesmo se intitulava, que, vindo diretamente das Índias, iria causar toda essa revolução. A árvore de Buzancy o tinha desiludido, o fluido magnético não existia, tudo era

fruto da imaginação, não da personalidade do magnetizador, que não disporia de qualquer virtude, mas sim da do indivíduo a magnetizar.

Gilles de La Tourette faz rasgados elogios ao abade português, que qualifica de excelente observador e cujos triunfos considera dos mais legítimos, concluindo as suas apreciações com as seguintes palavras: "Mas o seu triunfo não deveria durar muito, pois é certo em França que as melhores coisas jamais puderam resistir ao ridículo. Succede que um dia um ator, que desfrutava até então de certa celebridade, vai à sua procura e torna-se um dos melhores pacientes. Era, ao que parece, um vulgar simulador, porque, tendo abusado da confiança do brãmane, contra ele desfere intenso ataque, nos quais declara nunca ter dormido e que todos os resultados obtidos por Faria eram puramente imaginários. Paris exultou da boa peça pregada ao homem cujo poderio o fazia tremer na véspera; o comediante teve os zombadores de seu lado, e Faria, como Mesmer, cujas doutrinas tanto havia atacado, teve que se retirar sob as apupos vindos de todos os lados. Mas, ao inverso do que sucedeu a este último, o futuro lhe reservava uma desforra retumbante.

Em síntese, como muito bem diz Egas Moniz: "A obra de Faria não se reduz à interpretação do magnetismo, que despiu de todo o mistério que o obscurecia; é também a observação metódica e completa das suas manifestações e até de fenômenos similares observados em vigília e mais ou menos em correlação com o sonambulismo".

Quando, mais tarde, depois da morte do Abade Faria, a Academia de Medicina de Paris foi chamada a se pronunciar sobre o magnetismo, as suas doutrinas predominaram, mas o seu nome ficou inteira e injustamente esquecido.

Egas Moniz reabilitou em Portugal a memória do Padre Faria e é justo que, no Brasil, também se lhe renda a homenagem que ela merece.

O pranteado Francisco Fajardo, que entre nós se ocupou em volumoso livro do hipnotismo, relega para plano secundário o mérito do Padre Faria, como se desprende das seguintes palavras:

"O afamado Abade Faria, antes de cair em descrédito, produzia o estado magnético por meio de uma simples intimação verbal. "Durma", dizia ele imperativamente, e o indivíduo dormia. Contudo, nenhum desses nomes conseguiu levantar o crédito do magnetismo, que envergonhado refugiou-se nas baracas de feira e nas celas de um ou outro filósofo de convento".

No seu magnífico livro "O Hipnotismo", Medeiros e Albuquerque, no histórico que publica de Mesmer a 1875, não faz a menor referência à obra do abade português.

MIGUEL BOMBARDA



Justo é, pois, que entre nós se conheça o papel que o Padre Faria desempenhou no estudo do hipnotismo e se o considere, não como o fizeram os seus detratores, mas como um espírito observador e um pesquisador sincero, que morreu pobre e esquecido, depois de ter realizado obra impercível.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1851, filho de pais portugueses, Miguel Bombarda, terminados os seus preparatórios ingressa na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde conclui com brilho excepcional o seu curso. A sua tese, intitulada, "Do delírio das perseguições", revela desde cedo o seu pendor para a psiquiatria.

Nesse mesmo ano se candidata ao lugar de substituto na seção médica, para o que elabora substancioso trabalho sobre os hemisférios cerebrais e suas funções psíquicas. Não logra então vencer o seu concorrente, o professor Ferraz Macedo, mas é aprovado três anos depois e nomeado professor substituto, para ser em 1883 nomeado titular de Fisiologia e Anatomia Geral, cadeira que rege durante 20 anos, para ocupar depois, até a sua morte, a cátedra de Histologia e Fisiologia Geral.

Tendo iniciado a sua carreira hospitalar como cirurgião, foi mais tarde nomeado diretor do Hospital de Rilhafoles e data daí o seu intenso labor no campo da patologia geral.

Professor de fisiologia, dedicara-se com afinco ao estudo das funções cerebrais, buscando suas aplicações na patologia do espírito.

Na sua magistral tese sobre os hemisférios cerebrais e as suas funções psíquicas defende com invulgar cultura e doutrina de que o cérebro é o subs-

tratam anatómico do pensamento e a psicologia um ramo da fisiologia.

Espírito filosófico e positivo, Bombarda consagrava-se sobretudo aos fenômenos gerais da vida, buscando na biologia geral as bases para os seus ensinamentos.

Entusiasta e idealista, não se descurou do ensino médico, publicando artigos e apresentando relatórios nos quais propugnava a reforma do ensino médico.

Espírito combativo, entretive polémica com os professores da Faculdade de Medicina de Coimbra, defendendo com veemência e brilho os seus pontos de vista, propondo a criação de novas cadeiras de laboratório e o ensino das especialidades médicas.

Dotado de grande capacidade de trabalho, funda em 1883 a revista "Medicina Contemporânea" com um seleto corpo de redatores, ingressando definitivamente no jornalismo médico, que jamais abandonou.

Grande admirador de Ramon y Cajal e da doutrina do neurônio, Bombarda torna-se ardoroso defensor das teorias do sábio espanhol.

Faz conferências, nas quais revela formidável erudição, procurando demonstrar as relações íntimas da célula nervosa com o mecanismo psíquico.

Publica logo a seguir o seu conhecido livro "Consciência e o livre arbítrio", que o arrasta a uma célebre polémica com Emidio Navarro, jornalista e crítico hábil, e mais tarde com o Padre Sant'Ana, da Companhia de Jesus, que contesta as suas idéias também em livro: "O materialismo em face da ciência".

Bombarda retruca ao padre e, na 2.ª edição do seu livro, escreve as palavras que se seguem, que deixam patente quanto se apaixonava na defesa dos seus princípios: "A nuvem negra dum religiosismo estreito, aperreado nos dogmas e firmado na superstição que desde os mais longínquos séculos tem sido o atraso da humanidade, mais uma vez tenta, num ímpeto de sobreposse, ensombrar as consciências e rasoiar a inteligência do homem pelo nível do idiotismo e da animalidade. Em nome dos delírios dos sonhadores, dos raptos dos estáticos, das invenções dos ambiciosos, traduzindo-se por dogmas, revelações e mistérios, quer-se cegar a razão do homem, deturpar a calma religião dos simples, debuxar a caricatura do Ignoto. E espesinha-se a ciência, desfiguram-se os princípios mais palpáveis e mais demonstrados, corrompe-se e vicia-se a Verdade, "eterna e santa Verdade".

E conclui: "A alma é uma pura fantasia. O funcionamento material do cérebro, traduzindo-se em fenômenos psíquicos, é o coroamento do maravi-

lhoso edifício, levantado à custa de milhares de fatos, de observações seculares, de cuidadosa experimentação. A Verdade não pode estar num delírio quando ao lado se levanta o fato a reconhecer-lá e demonstrá-la.

Embora continuasse a se desempenhar religiosamente das suas obrigações, Bombarda encontrava tempo para dirigir a sua revista e para organizar Congressos Médicos. A ele se deve o sucesso extraordinário do Congresso Internacional de Medicina de 1906, reunido em Lisboa, que muito contribuiu para enaltecer a medicina portuguesa.

Formidável é a bagagem científica deixada pelo insigne psiquiatra de que nos ocupamos. Nos seus escritos há verdades que foram combatidas enquanto ele viveu, mas a que o tempo e os progressos da ciência vieram dar razão.

Nesse número se incluem os estudos sobre a menopausa viril, a loucura penitenciária, o automatismo mental, a epilepsia e os equivalentes epiléticos, a microcefalia, a histeria.

Tal é, em resumida síntese, a obra do grande alienista português, que era também um patriota ardoroso e um grande despreendido, vítima do dever profissional, pois que sucumbiu a 3 de outubro de 1910, horas depois de ser agredido por um psicopata.

JÚLIO DE MATOS

O inolvidável psiquiatra português de que me vou ocupar não representa uma figura de relevo apenas na especialidade a que se dedicou, como é, incontestavelmente, uma das personalidades mais expressivas da cultura médica em Portugal.

Espírito privilegiado, possuidor de vastíssimos conhecimentos gerais, filosóficos e literários, Júlio de Matos pode realizar uma obra formidável e sem falhas, que o torna digno da maior admiração.

De uma curiosidade científica inafatigável, a sua formação intelectual teve cunho enciclopédico, o que se explica pela sua educação: filho de advogado, cresceu em casa de um tio médico, em contato com livros de direito e medicina, o que lhe despertou o gosto pelas ciências objetivas e pela filosofia.

Quando estudante, fundou com Teófilo Braga uma revista, "O Positivismo", cujo primeiro número foi publicado em 1878, continuando, durante quatro anos, a sair com a maior regularidade.

Apaixonado pelas doutrinas de Augusto Comte, Júlio de Matos aprofundou

o estudo das localizações cerebrais de acordo com a escola positivista, discutindo com grande elevação, clareza e raros conhecimentos, os problemas mais difíceis da psicofisiologia.

Santos Pereira diz a esse propósito, no magistral artigo publicado na "A Medicina Moderna": "O aparecimento de "O Positivismo" veio produzir uma verdadeira revolução e, ao mesmo tempo que era uma majestosa tribuna, onde espíritos brilhantes como Emilio Littré, Teixeira Bastos, Consiglieri Pedroso, Candido de Pinho, Teófilo Braga e Basilio Teles demoliam, em golpes de audácia, os velhos princípios filosóficos, fiel ao seu programa, cumpria a missão que os seus redatores se impuseram, de reunir os espíritos portugueses, emancipados da teologia e familiarizados com os processos das ciências experimentais, na evangelização do positivismo."

Como todo espírito culto e livre, Júlio de Matos bateu-se desde a sua mocidade pelas idéias democráticas, proferindo magistral discurso por ocasião do Tricentenário de Camões, sobre a significação filosófica e social das festas então realizadas.

Com Sampaio Bruno e João Chagas colabora na "A República Portuguesa", tomando parte ativa na propaganda das idéias liberais.

Mas, se se apaixonou na defesa das suas idéias e acompanha de perto a vida política do seu país, não abandona a sua profissão, à qual se dedica como verdadeiro apóstolo.

Como adjunto do professor Antonio Maria de Sena, fundador do Hospital do Conde da Ferreira, no Porto, Júlio de Matos revela uma intuição natural para o conhecimento da alma humana, não tardando a ser apontado como dos mais eminentes psiquiatras.

A sua tese de doutoramento, que versa sobre "Patogenia das alucinações", constitui subsídio de grande valia para o estudo do complexo problema representado pelas diversas teorias propostas para explicar os distúrbios sensoriais.

Mal saído da escola, Júlio de Matos, possuidor já de notável cultura, entregou-se à elaboração de um trabalho de grande fôlego, a sua História Natural Ilustrada, obra em seis grossos volumes, na qual se não sabe o que mais admirar — se o correção da linguagem, a clareza do texto, ou ainda os profundos conhecimentos revelados pelo autor.

Dois anos depois sai a lume o seu "Manual das Doenças Mentais", livro digno de um mestre, onde os mais modernos problemas da psiquiatria de então são expostos com criteriosa visão clínica. Nesse manual, gerações sucessivas de juristas e médicos, portugueses

JULIO DE MATOS



e brasileiros, beberam preciosos ensinamentos. O êxito dessa obra é comprovado pelas sucessivas edições publicadas.

Além desse livro, que encerra uma síntese das lições que proferiu em curso livre no Hospital do Conde da Ferreira, inaugurando assim o ensino da psiquiatria em Portugal, Júlio de Matos aborda ainda, em notável estudo, "O Estado Mental dos Neurastênicos", aprofundando depois as relações da neurastenia psíquica com a moderna literatura pessimista e mística, trabalho que só um espírito forrado da mais sábia cultura literária, filosófica e médica poderia escrever.

Em 1889, editado aqui em São Paulo pela Livraria Teixeira e dedicado aos alienistas brasileiros, o insigne psiquiatra português publica uma notável coletânea de estudos clínicos e médico-legais, subordinada ao título "A loucura".

Sempre apegado à escola positiva, Júlio de Matos aborda no seu trabalho "A Psiquiatria nos Tribunais" a questão da temibilidade, batendo-se, já naquela época, por princípios ainda agora sustentados no 1.º Congresso Latino-Americano de Criminologia, reunido em Buenos Aires.

São suas palavras: "E assim, para falar só dos meios penais repressivos e eliminadores, a escola criminal positiva exige que os primeiros se empreguem contra os criminosos que o são apenas juridicamente e os segundos contra os delinquentes antropologicamente tais, o que significa que a defesa social deve subordinar-se à temibilidade do criminoso, donde quer que ela proceda."

"A Paranoia", livro precioso que Júlio de Matos modestamente denomina ensaio, constitui sem dúvida um dos mais belos e eruditos estudos de revisão sobre um dos temas mais debatidos

da psicopatologia. Os conceitos por ele então emitidos foram aceitos pela maioria dos psiquiatras da sua geração, inclusive pelo meu pranteado mestre Franco da Rocha, que na sua "Psiquiatria Forense" escreveu: "A interpretação exposta por Júlio de Matos é a que aceitamos, porque ele acentua o fato timidamente lembrado por Tonini — a franca degeneração dos doentes que apresentam a paranóia chamada secundária."

Preocupado com os problemas de psiquiatria forense, constantemente chamado a dar pareceres médico-legais, Júlio de Matos reúne em volume os seus relatórios e apresenta ao Congresso Internacional de Medicina uma valiosa memória sobre a questão, apoiado na sua grande experiência e em numerosos casos em que figurara como perito.

A esfera psiquiátrica não comportava, porém, a formidável capacidade de trabalho de Júlio de Matos. Frequentemente saía ele a campo, levando as suas luzes às mais variadas questões que preocupavam os homens de seu tempo.

Ao ensino médico dedicou-se sempre com a segurança de quem desde a mocidade se entregara ao ensino. Criticou, assim, acerbamente, em opúsculo: "A Última Reforma da Instrução Secundária — Reflexos Críticos", revelando-se profundo conhecedor da matéria, o que lhe valeu a escolha para presidente do Congresso do Professorado do Ensino Secundário, reunido no Porto em 1898.

Em vários Congressos Internacionais de Medicina, Júlio de Matos figura como representante de Portugal, relatando sempre temas dos mais interessantes, participando das discussões com as maiores notabilidades estrangeiras, unânimes em reconhecer o seu extraordinário valor.

Em 1909, a Escola Médica do Porto, valendo-se da lei da autonomia das escolas superiores, convidou-o a realizar nos anos de 1909-1910, no Hospital Conde da Ferreira, um curso de psiquiatria. As lições do sábio professor despertam desusado interesse e atraem assistência numerosa e escolhida. Fruto das suas conferências são as reformas, que se seguiram em Portugal, no ensino médico com a inclusão do estudo das especialidades e a nova lei que imprimiu outras diretrizes à assistência aos alienados naquele país.

Por morte do malogrado Bombarda, é Júlio de Matos convidado a assumir a direção do Hospital de Rilhafoles, em Lisboa, honra que recusa para não abandonar o velho Hospital onde durante 28 anos exerceu a sua atividade.

Em maio de 1911 era Júlio de Matos nomeado professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina do Porto e logo depois transferido para a de Lisboa.

Na capital do seu país continuou

a sua invulgar atividade científica, ocupando sempre as mais altas e honrosas posições, inclusive a Vice-Reitoria da Universidade de Lisboa, cargo em que se manteve até a sua morte.

Pouco antes de falecer teve o eminente alienista a satisfação de ver aprovados os seus planos para a construção de um vasto hospital destinado a abrigar 600 alienados, dotado de tudo quanto preconiza a moderna psiquiatria.

A vida e a obra de Júlio de Matos não podem ser devidamente apreciadas em rápido esboço. Cada uma das múltiplas faces do seu talento polimorfo — como psiquiatra, professor, jornalista ou homem público — justificaria extenso estudo para que nos fosse dado avaliar quão pujante foi a cerebração desse homem extraordinário, digno filho da terra de Camões, por quem ele revelou durante toda a sua vida rendido culto.

MAGALHÃES LEMOS

Antonio de Sousa Magalhães Lemos, amigo e companheiro de Júlio de Matos, foi também figura destacada no campo da patologia mental, sendo que seu nome transpôs as fronteiras do seu país, para ser citado e admirado nos grandes centros científicos universais.

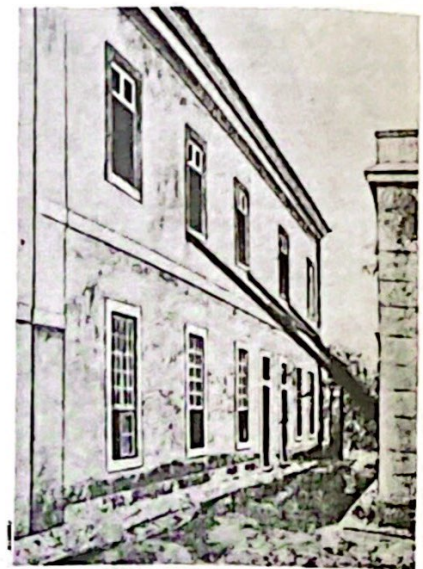
Cursou Magalhães Lemos o Liceu de Braga e depois o do Porto para, após breve estágio na Escola Politécnica, ingressar na Escola Médico-Cirúrgica, obtendo as notas mais distintas e concluindo o seu curso com a apresentação de uma tese de excepcional mérito sobre "A região psicomotriz", que, além de merecer aprovação com louvor, teve um capítulo inteiro traduzido para o inglês por notável especialista britânico.

Terminado o seu curso e sentindo já grande inclinação para o estudo da patologia nervosa, vai a Paris, onde acompanha o curso dos notáveis professores Charcot, Mathias Duval, Legrand du Saulle e Magnan, durante cerca de 2 anos.

De volta ao Porto, foi logo admitido como médico-adjunto do Hospital do Conde da Ferreira e em seguida distinguido com a nomeação para diretor desse mesmo hospital.

Funda, a esse tempo, com Júlio de Matos, a Casa de Saúde Portuense. Nomeado professor de Neurologia, em 1911, Magalhães Lemos é em seguida designado Professor de Psiquiatria na vaga verificada com a transferência do Prof. Júlio de Matos para Lisboa. Exerce ainda o insigne Mestre outros cargos de relevo, como sejam os de médico-alienista do Conselho Médico-Legal e professor de Psiquiatria Forense no Instituto de Medicina Legal do Porto.

Toma parte, durante a sua vida fecunda, em vários congressos científicos,



sendo eleito presidente de honra da Secção de Psiquiatria no Congresso Internacional de Medicina de Paris e da Secção de Psicologia Patológica e de Psiquiatria no Congresso Internacional de Psicologia, na mesma cidade.

Preocupado em dar à especialidade que abraçara cunho nitidamente científico e reconhecendo o papel importantíssimo da anatomia patológica do sistema nervoso na interpretação da sintomatologia neuropsiquiátrica, Magalhães Lemos promove a ida ao Porto do notável professor Oscar Vogt e de sua esposa Cecília Vogt, que permanecem algum tempo em Portugal, onde fazem numerosos discípulos.

Todos os trabalhos saídos da lavra do professor portuense têm cunho anátomo-clínico marcado e são escritos com clareza meridiana.

Entre os problemas que mais o preocuparam no decorrer de sua vida de sábio e investigador figura o das alucinações e seu mecanismo.

Tendo vivido no período em que Dejerine e Pierre Marie se empenharam em acalorada discussão em torno do intrincado problema da afasia, Magalhães Lemos, baseado num trabalho de Pitres, sobre a afasia amnésica, busca na análise psicológica da memória dos objetos a perda da visão mental (forma e cores).

O estudo dos síndromos pseudobulbares e bulbares, as relações do síndrome parquinsoniano com os núcleos pardos da base mereceram acurada atenção de sua parte.

Foi ele, também, como mui justamente afirmou o eminente professor Elísio de Moura, ao saudá-lo em nome da Universidade de Coimbra, por ocasião do seu jubileu científico, um verdadeiro precursor, quando, ao estudar a epilepsia sintomática dos neoplasmas

corticais, concluiu pela localização da zona sensitiva do membro inferior na parte ântero-superior pós-rolândica da cortiça cerebral, numa época em que tal localização ainda era erroneamente interpretada.

Dotado de grande cultura neurológica, adota o mesmo critério positivo na interpretação dos fenômenos psíquicos, que considera enquadrados nos domínios da Biologia. Não lhe escapa a tendência dogmática de certas escolas psiquiátricas, que o levaram a criticar "as teorizações, esquematizações e grafismos que tanto embaraçam e fazem cincar o clínico pouco experimentado, a cada passo enleado sobretudo pelos esquemas de ilusória claridade de que tanto abusam certas obras didáticas."

Magalhães Lemos envereda com a mesma clarividência no campo da psicopatologia forense, rendendo os maiores serviços à justiça com os seus lúcidos pareceres.

Colaborador das mais notáveis revistas da especialidade, Magalhães Lemos, até os últimos anos da sua vida longa e repleta dos mais assinalados serviços à ciência, produz trabalhos de indiscutível valor.

Dentre as numerosas monografias

que publicou, justo é que se destaque a intitulada "Gigantismo, infantilismo e acromegalia" que se encontra na antiga revista "Nouvelle Iconographie de la Salpêtrière", volume correspondente ao ano de 1911. Nesse trabalho, como bem acentua Egas Moniz, Magalhães Lemos liga a etiologia do seu caso à hipertrofia da hipófise, juntando assim o gigantismo à acromegalia, o que, ainda hoje, é doutrina corrente.

Magalhães Lemos foi dos primeiros a descrever a encefalite epidêmica em Portugal, ocupando-se do problema terapêutico das suas seqüelas mercê da escopolamina.

A ele se deve magistral trabalho sobre a câimbra dos escrivães, sobre a patologia dos corpos estriados, sobre a clinoterapia nas psicoses agudas e sobre o "Alcoolismo e Degenerescência", memória apresentada ao Congresso de Londres, nos últimos tempos da sua vida, depois de ter ultrapassado os oitenta anos, merecendo justa consagração dos psiquiatras mundiais.

Homem despido de vanglórias, vivendo para os seus doentes e para os seus livros, de uma grande simplicidade, Magalhães Lemos recebeu com constrangimento a homenagem que os

seus discípulos e amigos lhe renderam por ocasião do seu jubileu médico.

A singeleza de suas palavras, ao agradecer esse significativo preito, traem o homem sereno inspirado pelos mais nobres sentimentos, alma de verdadeiro apóstolo:

"Quando por acaso, ao ler um jornal, soube que me preparavam esta manifestação, eu tive, sinceramente o confesso, a maior surpresa de toda a minha vida. É que, mesmo nestes momentos de fantasia e de sonho que todos temos, nestes estados de onirismo fisiológico, se assim lhes posso chamar, a que ninguém escapa, nunca, absolutamente nunca, me passou pela cabeça que semelhante manifestação me pudesse ser feita."

Estas frases retratam bem o sábio, modesto, sincero e bom amigo dos seus discípulos, desinteressado e probo, que foi Magalhães Lemos.

Ao reunir essas quatro grandes figuras desaparecidas, tive em mente render o culto da minha homenagem aos cientistas portugueses que exaltaram o vigor intelectual da raça, cujos predicados cumpre a nós brasileiros proclamar reconhecidos, buscando neles nos inspirar para merecer a terra e o sangue que Portugal generosamente nos legou.

Briquet e a Obstetrícia no Brasil

Prof. Paulo Schmidt Goffi

As figuras exponenciais de velhos tempos da Obstetrícia no Brasil, têm seus nomes ligados à história do ensino e à prática da especialidade em três principais centros do país: Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo. Nestas cidades fundaram-se as primeiras Escolas de Medicina e importante influência tiveram as Maternidades, onde pontificaram os ilustres obstetras de então — Maternidade da Bahia, Maternidade das Laranjeiras (Rio) e Maternidade São Paulo, respectivamente, núcleos formadores de especialistas.

A vinda de D. João VI para o Brasil foi decisiva na implantação do ensino médico em nosso meio e não menos importante para iniciar a formação da Escola Obstétrica Brasileira. A contratação de Joaquim da Rocha Mazarém foi feita apenas um mês após chegada do Príncipe Regente à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1808,

para ministrar curso de "ligaduras, partos e operações". O ilustre "lente", como então eram chamados os professores, tinha o grande mérito de ser um esmerado cultor do vernáculo. Ocupou-se da tarefa até 1813. Voltando a Lisboa, lá exerceu as atividades de professor de partos (de 1825 a 1849). Rezende, gabando-lhe os méritos, refere que deixou numerosos trabalhos obstétricos, em linguajar castiço, cuja leitura é preciosa a eruditos, fonte de inspiração a puristas. Escreveu "Compilação das Doutrinas Obstétricas" em 1833, com uma segunda edição, em 1843: "Anuário Clínico da Arte Obstétrica" (1825); "Recopilação da Arte dos Partos" (1838); "Quadros Sinópticos das Moléstias das Mulheres de Parto e Recém-nascidos" (1839); e, com a colaboração de Kessler, "Atlas de Estampas da Arte Obstétrica", traduzido de Busch (1842). Sucedeu-lhe Costa Barreto (1813). Baia-

no de origem, teve seu aprendizado na Europa, ao tempo de Baudelocque e Denman, onde se abeberou de conhecimentos valiosos que para aqui pode trazer.

Não menos importante foi a atuação, no Rio de Janeiro, de outros como Luis da Cunha Feijó Junior, professor de obstetrícia de 1871 a 1911, que, como o pai, refletia nos seus ensinamentos a influência da Escola da França, com base nos preceitos de Cazeaux, Tarnier e Pajot. Também Maria Josefina Durocher (1809-1893) é nome estelar nesse contexto, porque, vinda da França, onde nascera, foi a primeira obstetriz diplomada pela Escola de Parteiros do Rio de Janeiro (1834) e a única mulher que teve assento na Academia Nacional de Medicina, como titular. Por ocasião do Centenário de sua chegada ao Brasil, em 1916, a Academia criou o Prêmio "Madame Durocher", destinado a



Os irmãos Briquet: Raul, mestre de obstetrícia e Marinho, professor de língua e literatura britânica no Ginásio do Estado de São Paulo. (foto da mocidade)

laurear anualmente o melhor trabalho nacional sobre tema obstétrico. Publicou vários trabalhos e atendeu a mais de cinco milhares de partos, contando-se, como curiosidade, o seu pendor pelo traje masculino, que usava costumeiramente, achando-o mais de acordo com o seu labor, de dia e de noite, nos domicílios de parturientes ricas e pobres. Não menos ilustres foram Antonio Rodrigues Lima, Diretor da Maternidade Laranjeiras (onde também, com muito mérito, anos depois seu descendente-direto, Octavio Rodrigues Lima desenvolveu as mesmas funções), Arnaldo Quintela, Queirós Barros, Candido de Andrade, Olimpio A. R. da Fonseca e outros que praticaram com notoriedade a obstetrícia na velha capital. Mas, no dizer de Rezende, não se dispensaria alusão à figura apostolar de Fernando Magalhães (1878-1944), professor extraordinário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Sobre ele escreve: "... nunca lhe faltou, nas pregações, sentido humanístico, universal, ecumênico, centelha que o animava a desencelhar, atrevidamente, as portas da rotina. Uma clara inteligência, o extraordinário poder verbal de orador nato, cultivado, e o destemor com que aceitava ou procurava polêmicas ajudaram-no a pelear, de lança no riste, contra a ignorância e a estupidez, de intuítos impenetráveis".

Na Bahia, salientou-se, no que se relaciona com o ensino médico, José Corrêa Picanço, vindo com a comitiva de D. João VI. Foi o inspirador e executor das ordens reais em favor da medicina no país; cabia-lhe, além do

mais, conceder licença às parteiras para o exercício de suas funções (1816). Entre outros nomes, citam-se Adriano Alves de Lima Gordilho, Barão de Itapoan, investido na cátedra em 1875, hábil obstetra e que inspirou várias teses, e Climério Cardoso de Oliveira, nomeado Professor de Obstetrícia, em 1885. Este, cultuando a arte de bem falar e dedicando-se às belas-letas, deixou seu nome ligado à Maternidade da Bahia, participando intimamente na sua construção com interesse especial e que foi feita de acordo com as exigências da arquitetura da época. Pacífico Pereira, Menandes dos Reis e outros, também, marcaram o valor intrínseco da arte de partejar baiana de velhos tempos, cujo ótimo conceito é mantido pelos professores e chefes de serviços atuais.

Nos primórdios da obstetrícia paulista apontam três importantes nomes: Rodrigues dos Santos, Braulio Gomes e Silvio Maia. Todos com seus nomes vinculados estreitamente à Maternidade São Paulo, o que motivou Eduardo Martins Passos a escrever sobre esta instituição, ser ela "um grande centro obstétrico, cadinho onde se fundiu o ouro puro de toda uma geração que honrou e dignificou as terras do planalto".

José Rodrigues dos Santos foi um dos pioneiros da idéia do parto em maternidades e muitas foram suas tentativas de fundar hospitais desse tipo e em algumas cidades por onde andou. Em 1877 fez sua primeira tentativa na capital do País, quando pediu à Câmara Imperial meios para instalar uma ma-

ternidade no bairro da Lapa, sem contudo conseguir seu intento. É Martins Passos que escreve: "... desanimado com suas tentativas fracassadas, voltou para São Paulo e aqui, em companhia de Braulio Gomes, fundou e pôs a funcionar a Maternidade São Paulo em agosto de 1894 considerada até 1943, a maior do Brasil". Rodrigues dos Santos escreveu um tratado em dois volumes de "Lições de Clínica Obstétrica", prefaciado pelo grande mestre Pinard (1888).

Braulio Gomes, fundador da Maternidade São Paulo, foi um dos homens mais estimados, na época, na cidade de São Paulo e senhor de grande prestígio social, dados seus dotes morais e intelectuais. Com estas credenciais reuniu inúmeras senhoras da elite paulistana, que, juntas, constituíram a "Associação Maternidade São Paulo", mantenedora da instituição destinada ao amparo da mãe pobre, cuja ciclópica obra assistencial tem continuado pelos anos afora, até o presente. Braulio Gomes foi seu primeiro Diretor Clínico, seguido de Silvio Maia, que na Maternidade acumulava as funções de Diretor Clínico do nosocômio e as de Professor de Obstetrícia da Faculdade de Medicina.

Silvio A. de Oliva Maia foi o primeiro professor da "cadeira" de Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina de São Paulo, que ocupou de 1917 a 1924, até nove anos antes de sua morte. Fundou em 1912, a Escola de Obstetrícia de São Paulo, da qual foi Diretor até 1927. Médicos e obstetizes tiveram seu aprendizado no conjunto de edifícios da velha Maternidade da Rua Frei Caneca. Várias turmas por ali passaram.

Foi em 7 de abril de 1925 que Raul Carlos Briquet "em memorável concurso, em que, ao lado da precisão do fraseado, teve ensejo de evidenciar sua inefável cultura humanística e científica", como escreveu Joaquim Onofre Araújo, assumiu a cátedra na Faculdade de Medicina de São Paulo, sucedendo Silvio Maia, seu mestre e padrinho. Ocupou o cargo até sua morte, em 5 de setembro de 1953, perdendo a obstetrícia nacional um de seus vultos de maior projeção. O que representa Fernando de Magalhães para os cariocas, representa Briquet para os paulistas e, curiosa coincidência, ambos faleceram com a mesma idade de sessenta e seis anos. Briquet mais jovem nove anos.

É Duílio Crispim Farina, o notável escritor e historiador das coisas da nossa Faculdade, que, sobre Briquet, escreveu, "em rememoração evocadora, alguns aspectos de sua figura de alto porte e de sua obra não menos marcante, orgulho de São Paulo e do Brasil": Luciano Briquet, francês de St.

Quentin, e Ana Rosa Baumgarten Briquet, inglesa de Singapura, foram os pais de Raul Carlos Briquet, nascido em Limeira, aos 8 de fevereiro de 1887. Vindos de países tão distantes aqui se encontraram enquanto lecionavam as línguas francesa e inglesa no seio de famílias da elite de São Paulo. Desposam-se na capital paulistana e ele, engenheiro topógrafo, inicia andanças pelo interior planejando cartas geográficas das cidades de Formiga, Patrocínio, Araxá e Limeira". O casal teve três filhos — Marinho, Raul Carlos e Stela, "que conceituaram sua grei como excelentes educadores em São Paulo".

Outro dos seus biógrafos, Onofre Araújo, escreveu: "... herdou de seus progenitores as características físicas e intelectuais que o tornaram, no nosso meio, um dos expoentes da cultura em todos os ramos do saber humano. Fez o curso secundário no Instituto de Ciência e Letras de São Paulo, matriculando-se, depois, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se diplomou em 9 de dezembro de 1910, após defesa de tese sobre "Psicofisiologia e Patologia Musicais", revelando, desde então, as tendências polimorfas de sua inteligência. Sua atividade profissional teve início na Maternidade de São Paulo onde, ocupando o cargo de interno, soube se impor pelo prestígio adquirido na orientação segura que imprimia aos casos clínicos sob sua responsabilidade. Em 1914, conquistou, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o título de Docente de Clínica Obstétrica com tese sobre a "Diálise-reação de Abderhalden".

Tenho bem presente na memória a figura imponente de Briquet, com envergadura própria de professor na acepção mais ampla do termo, quando acadêmico de medicina, tive aulas de Obstetrícia. Nessa altura eram seus assistentes imediatos, Benedito M. P. Tolosa, J. Onofre de Araújo e Edwin Frederico Zink. Exigente, na prova prática em manequim, em dependência de velha prédio anexo à Maternidade São Paulo, perguntando-me sobre mecanismo de parto e não satisfeito com minhas tergiversações obrigou-me a voltar em dias sucessivos para novas averiguações de conhecimentos, sempre com resultados negativos. Foi pela terceira ou quarta vez, que tive afortunadamente a oportunidade de, por impedimento do velho professor, ser argüido por Onofre de Araújo, que perguntando-me sobre "manobra de Mauriceau" aprovou-me, apesar de minhas vacilações, demonstrando com aquilo, que era a bondade em pessoa, a tolerância ilimitada e o aparador de arestas que sabia ser. Quis o destino que naquela ocasião, não tendo sentido ainda pendor pela obstetrícia, viesse, pouco após a formatura, mostrar interesse por essa

especialidade. Pedi para estagiar como voluntário no Serviço de Briquet, agora já instalado no recém inaugurado Hospital das Clínicas, no Araçá, junto da Faculdade, e fui muito bem recebido pelo mestre. Na primeira reunião de discussão de casos presenciei cena, de não muita importância, que caracterizava bem a personalidade do professor. Um seu assistente relatou caso de prenhez ectópica no auditório e eu, em grande expectativa, esperava no final as considerações magistrais que seriam feitas por Briquet, na mesa, presidindo. Foi a grande surpresa quando apenas disse: "quero advertir que na sua exposição não me passou despercebida a expressão ampolar, que melhor seria dita — prenhez ampular". Uma questão de "u" em lugar de "o", o que bem definia a grande preocupação que tinha com o vernáculo.

Com efeito, Briquet, com cogitações e conhecimentos enciclopédicos, parecia, pelo que dele se dizia, que com frequência se mostrava dispersivo. De certa feita, conta-se que na sua vasta biblioteca percebeu, horas depois de interromper o que escrevia sobre obstetrícia, aps saltos vários, de livro em livro, estar pesquisando um vocábulo grego qualquer, que nada tinha com aquilo de que se ocupava no início.

Foi educador, psicólogo, artista e sociólogo.

Em 1933, quando da realização da Semana do Ensino da Leitura propôs uma cartilha de alfabetização, organizada com temas musicais de nossa terra e, em outra oportunidade, pronunciou uma conferência sobre "Ensino Médico" com notáveis ponderações, ainda hoje citadas pelos que se ocupam do tema. Ainda como educador cumpre referir o histórico que fez da "Instituição Primária e Secundária no Brasil, de 1500 a 1899", onde mostrou seu cuidado nas pesquisas desse teor. "Disciplina do Gesto" e "Lede e Meditai, a Obra de Hipócrates", constituem outras tantas páginas por ele escritas que revelam sua personalidade de educador.

Foi cultor de toda atividade capaz de aprimorar o espírito: a poesia, a música e a pintura. Estudioso dessas manifestações, era notória a sua satisfação quando se lhe oferecia oportunidade de abordar tais assuntos, escreve Araújo. Já sua tese de doutoramento refletia o pendor pela arte musical que mais nítido se evidenciou na conferência pronunciada no Departamento de Cultura de São Paulo, sobre a peça de sua preferência — o quarteto XIV, opus 131, de Beethoven.

Presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, e do Cen-

tro Cultural Brasil-Suécia, recebeu inúmeras honrarias de sociedades médicas e não médicas nacionais e estrangeiras.

Membro da Academia Paulista de Letras, pronunciou na sua posse primorosa oração. Com fino labor literário, profunda erudição e grande propriedade, deixou trabalhos de impressionante profundidade, exemplo que testemunham a amplitude de seus conhecimentos, no dizer de Duílio Crispim Farina.

Como sociólogo, interessou-se e foi um dos fundadores da Escola de Sociologia e Política de São Paulo e regeu a disciplina de Psicologia Social, tendo reunido em um volume as lições ali proferidas. Pronunciou conferências em Conclave Nacional de Educação sobre "Psicologia dos Adolescentes" e foi Vice-Presidente da Seção de São Paulo da Sociedade Brasileira de Psicanálise.

Como obstetra e professor da especialidade, além de inúmeras publicações em periódicos, editou suas obras importantes: "Obstetrícia Operatória" (1932); "Obstetrícia Normal" (1939); "Lições de Anestesiologia" (1943) e "Patologia da Gestação" (1948). Teria publicado "Patologia do Parto e do Puerpério" se não fosse a doença que lhe prejudicou o trabalho encetado. Cumpre lembrar que sua "Obstetrícia Normal", reeditada por Domingos Delascio e Antonio Guariento, ainda hoje, passados vinte e seis anos de sua morte, traz a todo momento o nome de Briquet à nossa lembrança, por ser um "livro de cabeceira", autêntica "biblio" para muitos obstetras de todo este Brasil.

Outros biógrafos, cujos escritos tivemos debaixo de nossos olhos, enaltecem Briquet: "uma das mais formosas inteligências que conheço" (Rubião Meira), "cultor apaixonado de toda atividade que aprimorasse o espírito" (Carlos da Silva Lacaz); "era o tipo perfeito do professor universitário" (Edmundo Vasconcelos). Antonio Carlos de Pacheco e Silva, na Congregação da Faculdade de Medicina da USP, em 30/9/53, convocada em homenagem à memória do ilustre professor recém falecido, fez um dos mais comoventes e notáveis discursos laudatórios ao insigne mestre.

Seus ensinamentos são ainda hoje repetidos amiudamente pelos que com ele conviveram e que transmitem para novas gerações de obstetras o que dele aprenderam, sem citar os discípulos de discípulos seus que também desenvolvem atividades docentes em várias Faculdades e Serviços.

Os dias iniciais da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo

Dr. Duflío Crispim Farina

"Bendita a escola que nos armou cavaleiros desse ministério samaritano".

Flaminio Favero

De 1912 a 1916 Rodrigues Alves voltou ao governo de São Paulo. Era a terceira vez que se tornava chefe supremo do grande estado.

Formou-se então o governo paulista com a colaboração de Altino Arantes, Rafael Sampaio, Joaquim Miguel de Siqueira e Paulo de Moraes Barros, nas várias secretarias.

Oscar Rodrigues Alves foi indicado para chefe do Gabinete Civil e os oficiais da Força Pública Eduardo Legendre e Afro Rezende para o militar.

A respeito da nova gestão, Altino Arantes, que foi seu secretário do Interior e haveria de sucedê-lo na presidência do Estado, diz textualmente: "Parecia, em verdade, que esse homem singular, liberando-se sempre acima das pequenizas e das trivialidades do viver comum, não existia senão em função do espírito público, que o animava e inspirava. Espírito público, que lhe informava e lhe absorvia a individualidade, dominava a sua conduta, orientava as suas opiniões, compunha as suas atitudes e lhe conferia uma autoridade moral indisputada".

Rodrigues Alves sempre, com tino invulgar, soubera cercar-se de autênticas notabilidades.

Quando, na presidência da República, na Justiça colocara o grande baiano José Joaquim Seabra; na Fazenda, Leopoldo de Bulhões; na Indústria, Viação e Obras Públicas, Lauro Muller; na Guerra, o general Argolo; na Marinha, o contra-almirante Julio de Noronha, e, na pasta do Exterior, alguém que se chamava Barão do Rio Branco.

Dois auxiliares iriam dar ao seu governo, um sentido de alta porfia e de salutares reformas. Chamavam-se Oswaldo Cruz e Pereira Passos.

Esse mesmo espírito público, e descoratório, iria entregar a direção da novel Faculdade de Medicina a Arnaldo Vieira de Carvalho que na época, além de diretor da Santa Casa de São Paulo, reunia em si as qualidades que o faziam líder incontestado da classe médica paulista e príncipe número um da cirurgia em nossa terra.

Na manhã brumosa de 2 de abril de 1913, no salão nobre da Escola Politécnica, proferia-se a aula inaugural dos cursos da novel Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.



Profere-a o professor Edmundo Xavier, lente da cadeira de Física Médica e Química Médica, disciplinas ali instaladas a título precário. Assistiam ao ato o dr. Altino Arantes, secretário do Interior, Paula Souza, diretor da Politécnica, o dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, bem como a quase totalidade dos 180 candidatos inscritos ao curso.

Por força da Lei n.º 19 de 24 de novembro de 1891, promulgada pelo presidente do Estado, dr. América Brasi-liense de Almeida Melo, se fundou, oficialmente ao menos, a Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia de São Paulo. Esse diploma ficou hibernando lamentavelmente nos arquivos até que no ano de 1912, o Presidente Conselheiro Francisco Rodrigues Alves, na sua primeira mensagem ao Congresso Paulista, lança um apelo para a ação legislativa que se acabou traduzindo no início dos cursos médicos confiados à direção de Arnaldo Vieira de Carvalho.

Altino Arantes recordará em "Passos de meu Caminho": "Tive a fortuna de, como secretário do Interior naquela época presidir a primeira aula da nova Faculdade, a qual foi proferida pelo lente dr. Edmundo Xavier, no auditório da Escola Politécnica. Posso afirmar que foi esse o ato batismal da nossa escola médico-cirúrgica".

Celestino Bourroul logo mais inicia o curso de História Natural Médica, na escola Álvares Penteado que também

agasalhou a iniciante escola, em seus primórdios.

No decorrer do ano assume a cadeira o professor contratado Émile Brumpt, da Faculdade de Medicina de Paris que dará o curso de Parasitologia. Suas aulas se iniciam a 21 de junho.

Aguiar Pupo é nomeado professor de Química Médica e Guilherme Bastos Milward regerá este curso a partir de 1.º de setembro de 1913.

Nas primícias da vida nos abrigamos à sombra do casarão onde Paula Souza fundara a escola de Engenharia; e iríamos também ter guarida, no velho Largo de São Francisco, na Escola Álvares Penteado, ao lado da Academia de Direito, onde se enraizaram as mais antigas tradições de ensino da terra paulista.

A primeira sede provisória da Faculdade foi instalada na Escola de Comércio Álvares Penteado, cedida gentilmente pela sua diretoria. Nela tiveram lugar as primeiras inscrições para exames de admissão que ficaram abertas de 14 a 21 de fevereiro de 1913.

Os exames de seleção se processaram a partir dessa última data, tendo sido indicados para examinadores os Drs. Felipe de Lorenzi, Jacob Itapura Miranda, João von Atzingen, Alfredo Paulino, Henrique Geenen e Augusto Barjona, a maioria, professores do Ginásio do Estado da Capital.



O primeiro ninho da casa de Arnaldo

A via, emergindo de um canto da rua do Seminário, sob o viaduto de Santa Ifigênia, para subir suavemente até o bairro da Luz, relembra, precisamente o homem que, vindo de Sorocaba, ocupou a presidência da Província em dois mandatos, 1831-1835 e 1840-1841, o brigadeiro Tobias de Aguiar.

Relata a crônica coeva que Rafael Tobias, ainda residente em Sorocaba, aos 26 anos de idade, herdeiro de seu pai o coronel Antonio Francisco de Aguiar, "armou e equipou a sua custa mais de 100 homens que marcharam para o Rio de Janeiro afim de combater as tropas portuguesas dispostas a entorpecer a marcha da independência do Brasil".

Revelou-se af o patriota. A nação o premiou, nomeando-o brigadeiro de exército. Este homem, estadista avisado deu a São Paulo a bondade de seu coração e a lucidez de seu talento. Criou escolas, auxiliou a roda dos enjeitados, o hospital da Misericórdia, os leprosários de Itu e da Capitail. Abriu as estradas de Itu, de Sorocaba, da Serra da Cantareira e da Constituição. Foi "a força dinâmica da província nascente".

Antiga rua Alegre, ruela colonial, com rótulas, onde bocejava, indefinidamente a pasmacceira dos antigos paulistas, nidou em vistoso casarão o solar de Tobias de Aguiar, envolvido nas asas do "cupido amoroso", ao lado da Marquessa de Santos.

Esta rua Alegre, mais tarde do Seminário, é a atual Brigadeiro Tobias. No solar do brigadeiro situou-se a sede inicial das cadeiras de Histologia, Microbiologia, Anatomia e Histologia Patológica da Faculdade de Medicina e Cirurgia, no período de 1914-1919.

O pintor A. Esteves fixou-a em quadro pintado no ano de 1941. Esse mesmo prédio servira de agasalho ao Seminário e ao Conservatório de Música. A via, porém, não deve ser confundida com a atual rua do Seminário que naqueles tempos doutrota era a ladeira de Santa Ifigênia.

No número 45, solar do segundo Barão de Piracicaba, alojou-se a cadeira de Higiene, na forma de convênio entre o governo do Estado e o International Health Board. Foi a célula matriz do Instituto de Higiene e subsequente Faculdade de Higiene e Saúde Pública.

O segundo Barão de Piracicaba, filho do primeiro titular do mesmo nome, Antonio Paes de Barros (1791-1876), foi o iniciador do plantio de café, no Estado de São Paulo, em sua fazenda de São José do Rio Claro.

"A rua Brigadeiro Tobias era pacata sucessão de vivendas familiares e entre elas se destacava, pelas linhas arquitetônicas e a imponência do conjunto, o solar dos barões de Piracicaba. Todo o prédio cercado de vasto jardim onde cresciam vetustos e altíssimos pinheiros a sombrear canteiros de rosas, azaleas e gramados. Grande alpendre ocupava a frente do andar térreo, e era centrado pela porta de entrada; dos lados chegava-se até o chão por meio de duas escadas que desciam de suas extremidades. A grande baixa era de ferro retorcido. As sete janelas do andar superior davam para outras tantas sacadas, enfeitadas com o mesmo cuidado e estilo".

A descrição curiosa e fidedigna é de Alípio Corrêa Neto que nos conta também que nesse mesmo solar em 7 de abril de 1902 o então jovem doutor João Alves de Lima contraiu núpcias com a senhorita Elisa Oliveira Barros, filha da senhora Maria Joaquina Melo

Oliveira Barros e do dr. Rafael de Barros, segundo Barão de Piracicaba.

João Alves de Lima assumiu a segunda cadeira de Clínica Cirúrgica da Faculdade em 1917 e veio a ser um dos sustentáculos de Arnaldo.

A eterna Congregação

Almeida Prato, "fechando os olhos, reviu a velha Congregação, com a nitidez das cenas gravadas para sempre na memória".

Parados no tempo, com as almas estuantes de antigos entusiasmos, com o mesmo ar de um antigo tempo, mestres da Escola de Medicina e Cirurgia, em seus primórdios, ficaram registrados com seus biotipos físicos e morais, numa página que ficará como nítido retrato.

"Presidindo os nossos trabalhos, vejo Arnaldo, fino, reservado e distinto, de fisionomia de nobres linhas, a preceito para o bronze e para a imortalidade; a seu lado, secretariando a sessão, metido indefectivelmente em um fraque cinzento, colarinho duro, bigode espessado, senta-se João Egídio, ginecólogo emérito, diagnosticador atilado que, com o seu original processo de gráficos, dá expressão material ao então complicadíssimo sistema de registro das notas escolares; Edmundo Xavier, que seria mais tarde, ao tempo de sua profícua diretoria, quem conseguiria o reconhecimento federal dos nossos diplomas, de austera catadura, rigoroso nos exames, ensina química à turma amedrontada; Ascendino Reis, cuja cabeça é uma biblioteca ambulante, grave, erudito e cortês, não recua diante de nenhuma pergunta que se lhe faça em aula, mesmo fora da matéria que professa; Eteocles Gomes, espírito lógico e raciocinante, investigador cheio de engenho, inteligência lúcida, mas de feição cética congenial, fazendo da dúvida o seu travesseiro de homem de ciência, ensaia os primeiros passos no domínio da experimentação fisiológica; Airosa Galvão, belo caráter e infatigável trabalhador, rege, como professor substituto, a cátedra de Histologia; Milward, boêmio de espírito, desatado de todas as convenções sociais, em cujo olhar, coado através de longas pestanas sedosas, há uma expressão irônica e enigmática, misto de médico e de sábio, espécie de alquimista medieval ressuscitado em pleno século XX, constitui já, como deveria constituir sempre, a grande atração da estudantada; Oliveira Fausto, nutrido de cultura gauleza, temperamento jovial e expansivo, quebra a gravidade das situações mais sisudas, com um dito espirituoso e oportuno; Henrique Lindenberg, operoso e eficiente, torna-se o centro de gravitação dos otorrinolaringólogos paulistas; Alves Lima, cirurgião elegantí-

simo, rápido em tudo, no falar como no agir, perfeito homem de sociedade, traz para a Faculdade o prestígio de seu nome e da sua incontestável habilidade profissional; Franco da Rocha, psiquiatra de reputação nacional, vasta cultura humanística e filosófica, escritor conceituoso e original, introduz no nosso meio o gosto pela ciência germânica; Silvio Maia, grande obstetra que instala a cadeira na Maternidade, reconcentrado, de ar vago e distante, passa como uma sombra; da Bahia chega Oscar Freire, talento de escol, homem de caráter e de coração, professor, escritor, e orador de primeira água, que aqui morreria tão prematuramente, e da Itália, Bovero, figura primacial desde os primeiros dias da Faculdade, sábio e santo, tão grande pelo lado moral quanto pelo científico, que imprimiu diretrizes indelévelis ao ensino das cadeiras básicas; e em época mais próxima, Alexandrino Pedroso, franco e combativo, leal e desprendido, uma como que revivescência atávica dos velhos paulistas de outrora, é provido por concurso, na cadeira de bacteriologia.

Depois desaparecem de nosso convívio Vampré, o chefe incontestado da escola neurológica paulista, que criou e viu frutificar, médico até a medula, fanatizado pela profissão e escravo dos seus deveres professorais, fulminado em plena aula, como o capitão que morre no seu posto; Resende Puech, temperamento organizador por excelência, a quem se devem os primitivos planos do nosso hospital de clínicas, fundador do estudo da ortopedia entre nós e, finalmente, Sérgio Meira Filho, espírito ágil, constituição soffrega e dinâmica, talhado para a administração e para a agitação da vida pública".

E Almeida Prado prossegue revivendo um tempo de pioneirismo e de alta porfia.

"Vejo igualmente, como dentro de um sonho, o tumulto das primeiras aulas de clínica, os ambientes repletos de uma assistência inquieta e cheia de curiosidade, o interesse dos nossos primeiros concursos, as primeiras defesas de tese o esplendor das primeiras festas de formatura, o bulício crescente dos estudantes, cada vez mais numerosos, enchendo as enfermarias e os corredores da Santa Casa de uma alegria ruidosa, toda a vida da Faculdade, enfim, através da poesia e do encantamento das coisas patinadas pelo tempo."

A paleta de um pintor exímio, Pedro Américo, Benedito Calixto ou Oscar Pereira da Silva, não poderia fixar com mais exatidão as figuras de nossos primeiros mestres.

Por sua descrição, como que somos levados a esse tempo de glória espiritual. Antonio de Almeida Prado, que aqui

se revelou pintor exímio com o labor de seus broquéis, adentrará as épocas que virão como o exato fixador da primeira Congregação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Glória a sua memória!

"Gripe Espanhola" (1918)

Terminou a primeira grande guerra com o armistício de 11 de novembro. As primeiras alegrias vinha notícia pouco alvissareira. A gripe assolava nações com uma virulência jamais conhecida. E no último trimestre de 1918 também aqui chegava para estender seu manto funéreo.

Jorge Americano retratou com fidelidade aqueles dias inquietos:

"O médico chamado a atender os pacientes, hoje, já não viria amanhã, por ter adoecido. O que o substitua era atacado três dias depois.

"Havia recomendações de toda a sorte. Não frequentar ajuntamentos humanos. Não visitar casa onde houvesse doente, fosse de que moléstia fosse. Pela menor sensação de mal-estar, guardar o leito. Ao primeiro espirro, guardar o leito. Evitar indigestões e alimentos pesados. Suprimir abraços, beijos e apertos de mão. Trocar toda a roupa, desinfetar as mãos e banhar-se ao chegar da rua.

"Quem pôde, retirou-se para as fazendas, no interior do Estado. Convocaram-se voluntários para os serviços públicos essenciais. Estudantes e bombeiros serviam nos bondes. Os esportistas, entre os quais Artur Friedreich, auxiliavam nos serviços públicos. Fecharam-se as escolas. Voluntários e esportistas entregavam telegramas e medicamentos das farmácias.

"As ruas eram vazias e os bondes trafegavam a longos espaços. Raramente passavam automóveis, em geral conduzindo médicos.

"Os jornais de paginação reduzida, traziam longas listas de falecimentos".

A cidade tinha realmente uma situação de calamidade pública. Foi, quando surgiu a portentosa figura de Arnaldo Vieira de Carvalho a comandar da Santa Casa de Misericórdia as medidas para o mais perfeito e completo atendimento às necessidades da população assolada pelo terrível morbo.

Ernesto de Souza Campos, presidente do Centro Oswaldo Cruz nesses dias, e lugar-tenente de Arnaldo, relembra sua figura como a de verdadeiro governador da capital. Dele emanavam ordens e esquemas para que não houvesse a falência total de São Paulo.

Mas, passada a epidemia ao contar a Faculdade seus homens notou várias ausências. Mortos, o prof. Etheocles de Alcântara Gomes, catedrático de Fisiologia,

dr. J. M. Ayrosa Galvão, substituto de Histologia, Microbiologia e Anatomia Patológica e o dr. Diaulas de Souza e Silva, preparador de Histologia.

Etheocles Alcântara Gomes sucumbiu estudando. Grande estudioso e profundo pensador, possuía a veia experimentalista. Assomou-lhe a idéia de que, o soro sanguíneo de convalescentes de gripe, poderia exercer, quando injetado subcutaneamente, em doentes portadores daquele mal, ação curativa eficaz. Imerso no trabalho insano no Hospital de Isolamento, inicia suas pesquisas, só interrompendo-as no dia em que, a fronte latejante, ardendo em febre, foi assaltado pela moléstia que já campeava infrente, pela nossa cidade.

Ovídio Pires de Campos dirá que "morreu como viveu, ao esplendor do seu raciocínio, argumentando, discutindo, nesse atletismo intelectual em que muito se comprazia, dando expansão à sua soberba e admirável dialética".

Deixara lembrança luminosa no Rio, onde estudou no sextênio 1901-1907. Refere, ainda Ovídio, que em dezembro de 1916, findos os trabalhos do Primeiro Congresso Médico Paulista, Austregésilo aqui presente, ao saber que Etheocles seria o novo lente de Fisiologia, em substituição a Ovídio exultou: "Iluminaram-se-lhe os olhos, já de si tão vivos, e lampejantes e buliçosos, chisparam, e, com grande entusiasmo, disse: é um talento brilhante, com grande preparo".

Modesto, tímido ao extremo, recolhido, pouco expansivo, Etheocles rapidamente de preparador atingira a cátedra, onde o ceifaria a gripe epidêmica.

Ayrosa Galvão, seu preparador também tombaria. Admirável pesquisador, raro tipo de homem afável, sereno, calmo, paciente, fôra valor positivo no Congresso Médico Paulista de 1916.

Diaulas de Souza e Silva, assistente de Alfonso Bovero por todos também seria muito pranteado.

Tombavam os três, contaminados pelo morbo inclemente, contraído quando em defesa dos doentes.

Etheocles Alcântara Gomes fora discípulo querido de Miguel Couto. Aluno e interno do grande mestre carioca, este, em setembro de 1917, visitou São Paulo, a convite da Sociedade de Medicina e Cirurgia, e nessa ocasião esteve na escola da rua Brigadeiro Tobias, "novo foco de irradiação científica", segundo suas palavras, onde inaugurou a placa com o nome do saudoso professor, na sala de aulas de Fisiologia.

Nesse dia memorável para a Faculdade de Medicina, após o descerramento do véu que encobria a placa inaugurada, à mesa tomaram assento os dois máximos expoentes da medicina de en-

tão, condestáveis da ciência brasileira: Arnaldo e Miguel Couto. Foi um encontro não menos memorável.

Os moços do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz também seriam atingidos pela morte de dois companheiros, o doutorando Joaquim Queiroz e o primeiro anista Augusto Venancio dos Reis.

Eram dois entre aqueles muitos que trabalhavam em hospitais provisórios, atendendo aos pedidos de socorros partidos de casas, onde a moléstia entrava, muitas vezes acompanhada de miséria e desolação.

Nem o peso do trabalho, nem a pujança de certos espetáculos conseguiram abrandar a tenacidade com que agiam, nem diminuir seu carinho para com os desafortunados.

Grande foi a satisfação da Escola, ao assistir a chegada de documentos que se referiam aos estudantes, todos enaltecendo sua ação, digna da confiança neles depositada. Do Serviço Sanitário, das Municipalidades de Santos e outras cidades, vieram agradecimentos e elogios tradutores de gratidão pelo trabalho árduo dos acadêmicos.

Arnaldo pôde orgulhar-se deles.

Mas a Casa de Arnaldo também veria desaparecer um correto e bom funcionário, o porteiro José Cantinho, até hoje lembrado com saudade e simpatia pelos superstites daqueles anos iniciais da Faculdade.

E com ele mais um tombaria. Octaviano Ferraz, zelador do Laboratório de Química.

Marcos de desprendimento e solidariedade, renasceram todos para ingressar nas memórias da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

A árvore da Liberdade

A candidatura de Rui Barbosa ao mais alto posto da nação fez com que os moços de São Paulo, em 1909, se integrassem na campanha cívica, enfileirando-se contra as hostes da política sob o comando de Pinheiro Machado. Defendiam as liberdades humanas. O movimento empolgou o país de norte a sul e o verbo de Rui se elevou, vigoroso, em defesa da liberdade contra a demagogia dos profissionais da política, que faziam estremecer as excelências do regime, ainda incapaz de resistir à onda de perversão dos velhos e mal-sinados processos políticos. E foram eles os vencedores da inesquecível campanha. O pleito, verificado em 1910, apresentou o seguinte resultado: Rui — 200.359; Hermes da Fonseca — 126.392; entretanto, Hermes foi reconhecido presidente eleito pelo Congresso, na sessão de 23 de julho de 1910. E note-se que Rui, eleito presidente da

Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por Machado de Assis, conquistara há dois anos apenas, em Haia, memoráveis triunfos para a inteligência e para a cultura brasileira...

A derrota de Rui foi a maior desilusão jamais sofrida pela juventude brasileira, dela resultando a mais tempestuosa campanha jornalística contra um chefe de governo, bonachão e honesto, que deixara se envolver nas malhas e entreveros dos velhos e remitentes políticos. Apesar da veemência da luta, o Exército se manteve dignamente afastado dela. Daquele vergonhoso ludíbrio veio a gênese da campanha de Bilac e como corolário todos os movimentos armados que se verificaram no país, desde o motim de Minas Gerais ao levante de 1922 e as revoluções de 1924 e 1932.

Mas, Rui Barbosa fôra o verdadeiro vitorioso ao conquistar o respeito e a veneração da mocidade que sempre o acompanhou nas novas campanhas que viria empreender.

Em 1919 os estudantes, em homenagem à Águia de Haia, plantaram um carvalho, árvore da liberdade, nas encostas ajardinadas do vale do Anhangabau, junto à Esplanada do Teatro Municipal, onde existe hoje a estátua do grande baiano.

Oswaldo de Andrade, interessante figura paulista, um dos estruturadores do Movimento de Arte Moderna — ao lado de Menotti del Picchia, Tarsila do Amaral e outros — foi o orador da solenidade, intérprete do Centro 11 de Agosto. Ao seu lado os estudantes de São Paulo. E entre eles os moços do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, que jamais deixaram de dizer presente aos grandes momentos de nossa nacionalidade. Fernando Brito Pereira, presidente em 1919 e Potyguar Medeiros lá estavam, Dirigia os destinos do Centro Acadêmico 11 de Agosto, Antonio Carlos de Abreu Sodré. Todos viriam a se destacar nos movimentos em prol da democracia, nos anos vindouros. Nosso estandarte esteve presente à solenidade.

Oswaldo de Andrade em conferência proferida em São Paulo em 5 de novembro de 1949 recordou os velhos sonhos dos moços de então.

“Na história do homem, a árvore tem uma importância singular. Afirma a gênese que o primeiro pai foi induzido por Satanás a comer do fruto da árvore da ciência a fim de se igualar a Deus. Três milênios depois de Moisés e da Bíblia, o homem sob a ação de vitaminas e hormônios continua a comer o fruto proibido, a fim de superar a sua mísera condição nativa. Povos primitivos e sábios instituíram, sem nenhum embaraço processual ou burocrático, o julgamento debaixo da árvore, que era o julgamento imediato e direto. Numa árvore Judas se enforcou.

Hoje sobram as árvores, mas os Judas pululam sem escrúpulos, sem remorsos e sem polícia. Em Santo André, nos primórdios paulistas, houve uma árvore célebre onde se ia chorar pelos ausentes.

Este carvalho mesmo antes de crescer tem uma história. Rui Barbosa o plantou nesta encosta ajardinada de São Paulo. E no dia seguinte mãos profanadoras vieram arrancar a árvore nascente. Era em 1919. Nós, estudantes da época, fomos buscar a árvore, a fim de replantá-la. Coube a mim, orador do Centro Acadêmico 11 de Agosto, falar nessa ocasião, como hoje falo trinta anos depois; éramos então pequenos pilares da ordem conservadora. Saldos do otimismo que o primeiro armistício causara, sinceramente acreditávamos que liquidado o Kaiser, estava resolvido o problema do mal sobre a terra e que a palavra liberdade era apenas um galardão de classe e não a reivindicação profunda dos povos mergulhados na exploração e na miséria. Que a liberdade era a liberdade do senhor de escravos e não a liberdade do escravo.

Se alguma coisa se aproveita do verboso foguete de 1919, é a lembrança de que ali adiante corre oculto como se fosse o próprio sangue de São Paulo, o riacho do Anhangabaú. Dessa São Paulo que adotou o segredo da antiga Roma, recebendo em seu seio todas as raças, admitindo e igualando todas as origens. É a fixação do diálogo entre o rio e a árvore.

Entre eles, a herma de Rui Barbosa. Hoje sabemos que mais do que o seu vernáculo, do que o seu purismo o que fica de Rui é a capacidade do sacrifício. Ele soube sempre perder. Como a semente do Evangelho que precisa morrer para frutificar, ele soube sempre morrer para o dia seguinte do Brasil.

Ainda hoje existe o carvalho, já adulto, nos jardins do Anhangabau, por detrás da estátua de Rui. É a árvore da Liberdade. É um marco da in-submissão de nossa gente às hostes de desengano político. É “ficará aqui subindo como a vida da urbe para os prometidos horizontes da humana liberdade”.

Segundo a tradição oral e os informes dos contemporâneos estiveram presentes os acadêmicos de Medicina Brito Pereira, Potyguar Medeiros, Menotti Sainati, João Norberto Longo, Valdemar Pessôa, José Inácio Lobo, Felício Cintra do Prado, Luis Pereira Barreto Netto e Luis Sergio Thomas.

O Centro e o seu Patrono Oswaldo Cruz

O número da Revista de Medicina, de maio de 1917, anunciou uma catástrofe nacional. O Brasil acabava de perder “uma das suas mais refulgentes

personalidades". Desaparecia Oswaldo Cruz.

O sábio paulista, de São Luiz de Paraitinga, reunia em sua vida de labor e ciência "uma das maiores somas de glórias, de triunfos, de conquistas e de aclamações". O insigne higienista, saneador da capital do país, erguera esse monumento que se chama Instituto Oswaldo Cruz, a escola de Manguinhos.

Rubião Meira lamentava a perda de um símbolo, "a expressão genuína do quanto pode um homem de ciência, aliado a uma organização superior, a um espírito esclarecido e iluminado pela onipotência divina". Plangiam a finados os dobres de nossa Faculdade de Medicina e Cirurgia e o Centro Acadêmico perdia seu patrono.

Morte física apenas, pois seu espírito guindaria a trajetória de nossa associação, pelos anos vindouros, numa sucessão de lutas e vitórias. Por ocasião da enfermidade de Oswaldo Cruz, mantiveram os estudantes correspondência telegráfica com a família do ilustre médico, informando-se constantemente de seu estado de saúde.

Agora reiteravam os seus protestos de profunda mágoa. Resolveu o Centro enviar uma comissão ao Rio de Janeiro, que em seu nome visitasse a família enlutada e depositasse uma coroa no túmulo do cientista. Assim para lá se dirigiram os estudantes Benjamin Reis, Sebastião Comparato, Max de Barros Erhardt, José Ferreira dos Santos, Jorge Tibiriçá Filho, todos levando a saudade da mocidade paulista.

O dr. Miguel Couto, presidente da comissão central, encarregada da ereção de um monumento no Rio de Janeiro, em memória de Oswaldo Cruz, solicitou o apoio dos estudantes.

Para tal fim muito trabalharam os acadêmicos Benjamin Reis, Alberto Nupieri, Tacito Silveira, Max de Barros Erhardt, Moacir Álvaro, José de Toledo Piza e Sebastião Calazans.

Oswaldo Cruz, discípulo de Roux e de Metchnikoff, teve sua memória sempre cultuada na Casa de Arnaldo.

Em 1938, no dia 14 de setembro, comemorativo de mais um aniversário do Centro, sob a presidência de Domingos Machado, era pronunciada memorável conferência sobre Oswaldo Cruz, pelo dr. José Carlos de Macedo Soares, benemérito amigo de nossa entidade. A palestra publicada em livreto é como que uma oração oficial sobre o grande brasileiro, de quem disse Afranio Peixoto, ao recebê-lo na Aca-

demia Brasileira de Letras: "Vós sois como os grandes poetas que não fazem versos; nem estes têm sempre poesia, e ela sobeja na vossa vida e na vossa obra".

Macedo Soares lembrou a última vontade de Oswaldo Cruz contida em seu testamento — "dois palmos de frases inspirados no seu altruísmo e na constante sinceridade de seus propósitos" — uma recomendação a seus filhos que bem poderia ser repetida nesta gloriosa Faculdade de Medicina de São Paulo, a todos os que daqui partem para a vida prática:

"A meus filhos peço que se não afastem do caminho da honra, do trabalho e do dever".

E, na verdade tem sido este o mote e a legenda dos filhos da Casa de Arnaldo.

Em 1914, Jaime Candelaria, na presidência do Centro Oswaldo Cruz, organizou uma caravana de colegas para, visitando Manguinhos, cumprimentar o patrono da entidade.

Em companhia do grande cientista, percorreram os moços as dependências do Instituto que por ele era dirigido.

Artur Neiva, Carlos Chagas e Adolfo Lutz, colaboradores de Oswaldo Cruz, receberam os moços paulistas e no final da visita acederam em fazer parte de um grupo que foi fotografado na escadaria do Instituto Manguinhos.

Oswaldo Cruz nesse mesmo ano retribuiu a visita, vindo, a convite da diretoria do Centro, a São Paulo, onde foi recebido na casa da rua Brigadeiro Tobias.

A diretoria de 1914 era constituída pelos seguintes estudantes: Jaime Candelaria, presidente; Brasil Ramos Caiaido, vice-presidente; João Procópio, primeiro-secretário; Paulo Bulcão Ribas, segundo-secretário; José Ferreira Santos, orador; Benjamin Reis, primeiro-tesoureiro; Antero Galvão, segundo-tesoureiro.

Excursão ao Rio de Janeiro — 1923

José Inácio Lobo, presidente do Centro, saiu de São Paulo aos 17 de maio de 1923, conduzindo "luzida embaixada", que iria estreitar os laços de amizade e intercâmbio cultural com os colegas da Capital Federal.

A Exposição Internacional, organizada pelo presidente da República, dr. Epitácio Pessoa, dera ênfase especial às comemorações do centenário da Independência e ainda estava em curso. Os moços visitantes não escondiam seu

deslumbramento ao visitarem os vários pavilhões. Passeios ao Corcovado e a Niterói foram complementados por uma visita ao Encouraçado São Paulo, devidamente autorizada pelo ministro da Marinha de Guerra, almirante Alexandrino de Alencar. Era o tempo em que todo filho de Piratininga sentia-se na obrigação de exaltar a marujada da nave homônima de nosso Estado.

Miguel Couto, no pináculo da fama, recebeu-os na Faculdade de Medicina, saudando-os. Os paulistas ouviram várias de suas preleções, entre as quais uma sobre "casos de impaludismo tratados por azul de metileno", e outra sobre "terapêutica moderna aplicada na cura do diabetes".

Aloisio de Castro, diretor da escola os acolheu na nova Escola de Medicina; dando adeus ao velho prédio da praia de Santa Luzia vinham de se instalar na Praia Vermelha, junto ao Morro Cara de Cão, berço da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Estácio de Sá foi recordado.

Fez-se ouvir também figura ímpar da época, Lafaiete Rodrigues Pereira, no Centro de Estudos de Medicina.

Algum tempo mais tarde os moços do Rio retribuíram a visita, com o fito de conhecer mestres e alunos da Escola de Arnaldo no velho casarão da rua Brigadeiro Tobias. E com isso mais se "estreitaram os laços de amizade..."

A turma de 1923 tornou-se famosa pelo número de alunos que atingiu os primeiros postos no Magistério superior. Alípio Corrêa Neto, José Bonifácio Medina, Joaquim Vieira Filho, Jairo Ramos, Rafael da Nova, Ariovaldo Caselli de Carvalho distinguiram-se muito entre outros.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Dr. Duílio Crispim Farina
presidente

Prof. Fábio Schmidt Goffi
Prof. Paulo Schmidt Goffi
Prof. João Carvalhal Ribas
Prof. Sílvio Marone
Prof. Mateus Romeiro Netto
Prof. Plínio de Toledo Piza
Dr. Adolfo Coelho de Souza
Dr. José Olímpio Almeida Senna
Dr. Luciano Endrizzi
Dr. Orfeu G. D'Agostini
Dr. Marcelo Almeida Toledo
Dr. Walter Pinheiro Guerra